

## UM OLHAR SOBRE O ENSINO RELIGIOSO E A LITERATURA EM “MORTE E VIDA SEVERINA”

### A LOOK AT THE RELIGIOUS EDUCATION AND LITERATURE IN “MORTE E VIDA SEVERINA”

*Maria Augusta de Sousa Torres*<sup>1</sup>

#### RESUMO

Este trabalho tem como objetivo evidenciar a importância do diálogo do Ensino Religioso com a Literatura, a fim de proporcionar um estudo interdisciplinar com outras áreas de conhecimento. Nosso objeto de estudo foi o poema *Morte e Vida Severina – Auto de Natal Pernambucano* – de João Cabral de Melo Neto. O texto possibilita a reflexão sobre a caminhada de Severino, que, por onde passa, faz o registro de toda a situação da vida do povo e da paisagem nordestina, tendo como guia o rio Capibaribe, que, como o sertanejo, também sofre com a seca do Sertão. O objetivo do personagem principal do poema é a busca incessante de vida mais digna do que a morte. Procuramos, através do caráter bibliográfico, buscar, no imaginário do texto literário, noções de identidade como pertencimento, solidariedade como vivência ética e religiosidade como dimensão transcendente do humano para se religar ao sagrado, sob o olhar pluralista das Ciências da Religião.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ensino Religioso; Literatura; Identidade; Religiosidade; Solidariedade.

#### ABSTRACT

This paper aims to highlight the importance of dialogue with the Religious Education Literature, to provide an interdisciplinary study with other areas of knowledge. Our object of study was the poem *Morte e Vida Severina – Auto de Natal Pernambucano* – by João Cabral de Melo Neto. The text allows reflection on the walker Severino, who wherever he goes is the record of the whole life situation of the people and landscape of the Northeastern, guided Capibaribe river, as the backcountry, also suffering from drought the Hinterland. The goal of the main character of the poem is the relentless pursuit of more dignified life than death. Sought through bibliographic character, look at the literary text imaginary notions of identity and belonging, solidarity as

---

<sup>1</sup> Mestra em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco, Recife, PE. Professora da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Natal, RN. E-mail: gugasousa@hotmail.com

ethical and religious experience as transcendent dimension of the human to reconnect to the sacred, under the gaze of the pluralistic religious studies.

**KEYWORDS:** Religious Education; Literature; Identity; Religiosity; Solidarity

## INTRODUÇÃO

Neste trabalho, apresentamos o diálogo entre Ensino Religioso e Literatura, como exercício da interdisciplinaridade, através do poema *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto, *Auto de Natal Pernambucano*, seu poema mais lido, mais longo e o mais estudado, como proposta de análise para esse diálogo.

Nosso objetivo é mostrar a inestimável contribuição que a literatura oferece para realizar essa experiência de diálogo com outras áreas de conhecimento e outros saberes do universo escolar; nossa finalidade é possibilitar abordagens que viabilizem a ampliação dessa área de conhecimento dentro de outras investidas, para apresentar a dimensão religiosa sem o pressuposto da opção de fé.

Nessa confluência entre Literatura e Ensino Religioso localizam-se alguns temas abordados pelos dois campos, tais como: Religiosidade, como a manifestação da crença do povo, a Solidariedade como exercício de partilha, a Identidade como ideia de pertencimento a um grupo e noções de esperança, como força utópica, que elabora a síntese entre imanência e transcendência, presentes no texto escolhido para ser analisado.

O poema conta o roteiro de Severino, um homem do Sertão que vai à demanda do litoral e, nesse caminhar, depara-se constantemente com a morte, presença anônima e coletiva, com a fome e com a falta de tudo.

Lembramos que o texto poético é uma obra de arte inacabada, pois oferece inúmeras possibilidades de novas interpretações, fazendo emergir aspectos sempre novos, razão de ser deste trabalho, buscar,

no poema mais conhecido de João Cabral, a dimensão religiosa que ele nos oferece, através das manifestações religiosas contidas no texto, pois “a Literatura apresenta-se como uma substituição estética de um princípio transcendente que encontra expressão própria dentro da religião”. (MAGALHÃES, 2000. p 151).

Há, na poesia de João Cabral, uma desordem fecunda que suscita a possibilidade de ordenamento da vida do sujeito, como também oferece diferentes interpretações, inclusive a interpretação da transcendência como função orientadora do sentido da vida individual, comunitária e social.

A produção poética, de João Cabral, constitui-se de imagens e ritos próprios que se interligam para dar clareza a sua mensagem, mostrar a miséria e criar um novo *ethos* cultural nordestino, próprio, autêntico e avesso a qualquer forma de exploração humana. Em *Morte e Vida Severina*, “o real se apresenta mais enquanto evento do que enquanto sistema” (SECCHIN, 1985, p. 117), como se, pela palavra, fosse possível conquistar a intuição da vida em si mesma como resistência e recuperação da própria existência. João Cabral afasta-se das formas eruditas da escrita e se aproxima das raízes populares da literatura de cordel, para narrar uma história clara e racional da vida, dos fatos e valores que caracterizam o homem do sertão e sua cultura.

## **A LITERATURA E O ENSINO RELIGIOSO: À LUZ DAS CIÊNCIAS DA RELIGIÃO**

A emergência do estudo das Ciências da Religião como nova área acadêmica possibilita um olhar mais descentralizado da Religião, o que propicia a dialética do Ensino Religioso e a Literatura, na perspectiva da compreensão do fenômeno religioso, objeto de estudo dessa área de conhecimento. Isso se dá porque toda produção literária está inserida dentro de um contexto histórico-cultural marcado pela religião.

Este estudo pretende refletir sobre a importância do diálogo do Ensino Religioso e arte literária, no poema *Morte e Vida Severina*<sup>2</sup>, estabelecendo uma reflexão crítica à luz das Ciências da Religião, distinguindo os dois lados da natureza humana: um, marcado pela emoção, sensibilidade e espontaneidade, o outro, marcado pelo estado da razão que luta pela ordenação lógica como forma de compreensão da vida e do mundo.

As Ciências da Religião, como uma área que se caracteriza pela sua pluralidade interna, tem a capacidade e a riqueza material relevante para ajudar o intercâmbio entre a Literatura e as manifestações religiosas do texto literário, a fim de contribuir com uma educação que possibilite a religação do homem com sua dimensão transcendente, pois, conforme Teixeira, as Ciências da Religião:

É uma disciplina que busca focar a especificidade da religião e dos fenômenos religiosos, sem cair em reducionismos ou dogmatismos, mas sem, no final das contas, ceder também à terceira tentação, tão própria da abordagem fenomenológica: o descritivismo (TEIXEIRA, 2001, p.176).

O poema *Morte e Vida Severina* é um símbolo que possui uma carga de significados religiosos, sem se afastar da dinâmica da produção literária do autor. Ele oferece-nos possibilidades infinitas de estudo do Fenômeno Religioso<sup>3</sup>, aos quais ultrapassam a confessionalidade uma religião com seus dogmas e teologias.

---

<sup>2</sup> Durante todo este trabalho, utilizar-se-á o poema “Morte e Vida Severina – Auto de Natal Pernambucano” retirado da obra: NETO, João Cabral de Melo. **Morte e Vida Severina e outros poemas para vozes** / 1 ed especial. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

<sup>3</sup> O Fenômeno Religioso pode ser explicado pela existência de um núcleo em que se realizam experiências, vivências, acontecimentos em busca de um sentido de significado último, que atingem a vida em sua globalidade, em sua radicalidade e em sua intensidade (PCNER, 1998. p. 26).

Essa dinâmica promulga as formas de religiosidade que aparecem no texto *Morte e Vida Severina*, aponta para os possíveis caminhos do fazer Ciência da Religião nos Eixos Temáticos do Ensino Religioso<sup>4</sup>. Desse modo, é possível estabelecer um diálogo entre Ciências da Religião e Literatura, objetivando apresentar alternativas de parâmetros que ajudem a dinâmica do Ensino Religioso em sua prática pedagógica.

[...] a religião deve ser entendida dentro da relação com o imaginário humano, com os desejos mais profundos, não como alienações, mas como forma de estabelecer dignidade da vida humana, defender o amor e procurar por novas maneiras de poder (MAGALHÃES, 2000, p. 145).

A linguagem literária atualiza, concretiza e interpreta as formas próprias das verdades do discurso religioso, tornando sua compreensão mais acessível ao ser humano. A Literatura pode ser porta voz dessa religiosidade no diálogo com as Ciências da Religião, pois apresenta estruturas estéticas que favorecem a busca de transcendência nas religiões.

Para Tenório (1996), percorrer um texto é extrair a sua carga de emoção e seu conteúdo religioso e social, ou quaisquer outros valores nele contidos, para desvendar a linguagem metafórica: é exatamente o que acontece no texto *Morte e Vida Severina*. A Literatura apresenta a possibilidade metodológica de se ter instrumentos adequados, que podem encontrar o religioso dentro do texto literário, mesmo quando não estiver muito aparente.

Compreende-se que a Literatura e o Ensino Religioso tratam da educação de um sujeito ético e responsável, capaz de assumir sua condição de cidadão planetário, que cuida das necessidades

---

<sup>4</sup>Eixos temáticos do Ensino Religioso: estrutura comum de onde são retirados os critérios para a organização de seleção de conteúdo, objetivos e metodologia do Ensino Religioso (PCNER, 1998, p. 33-38).

locais, da sua comunidade e de sua cultura, sem esquecer o destino cosmopolita de todo ser humano. O que a obra *Morte e Vida Severina* nos mostra é uma dinâmica intrínseca da condição humana, um anseio de esperança de vida mais forte do que a morte, na perspectiva da superação física da seca e a dos seus interditos, através de uma ação criadora, mediante os limites impostos pela cultura de morte.

Ao tratar da figura de Severino, o autor supera a ideia de singularidade do nordestino, para colocar o personagem na condição de viajante da vida e do tempo em busca de identidade, reafirmando a necessidade de uma religiosidade como um guia, que investiga a si mesmo e anuncia a solidariedade como experiência de resgate da dignidade.

- Minha pobreza tal é  
que não trago presente melhor:  
trago papel de jornal  
para lhe servir de cobertor:  
cobrindo-se assim de letras  
vai um dia ser doutor.

Nesses versos, a solidariedade é apresentada como uma exigência ética que ultrapassa a divisão material, para possibilitar romper com as condições impostas e ir além, *ser doutor*; é ter autonomia e anseio de aprender a totalidade da vida e do mundo.

Para Tenório (1996), na poesia de João Cabral, há uma explosão de religiosidade, de espiritualidade, não por professar Deus, mas por vislumbrar o sentido último da existência, “morremos de morte igual, mesma morte Severina”. Assim, ele quer apresentar a finitude humana e a busca do seu sentido último, revelando a dimensão da religião que permite chamar Deus, transcendente, absoluto e outros, para religar todas as coisas a sua fonte criadora.

Em sua caminhada, logo no início, Severino depara-se com a morte, ao dialogar com dois homens que carregam um defunto numa rede. A morte recorda nossa origem e o nosso destino como uma “teologia cósmica e universal” (TENÓRIO, 1996, p. 41), para mostrar a nossa dimensão de ser finito e, sobretudo, evidenciar que precisamos de outras vozes para perscrutar a transcendência ou a ideia de infinito no finito do texto.

- A quem estais carregando,  
irmãos das almas,  
embrulhado nessa rede?  
dizei que eu saiba.
- A um defunto de nada,  
irmão das almas,  
que há muitas horas viaja  
à sua morada.
- E sabeis quem era ele,  
irmãos das almas,  
sabeis como ele se chama  
ou se chamava?
- Severino Lavrador,  
irmão das almas,  
Severino Lavrador,  
mas já não lava.

Esse trecho revela que a disputa pela terra é uma constante na vida dos Severinos, como também a presença da morte e da impunidade por parte dos grandes latifundiários, pois o Severino Lavrador morreu de morte *matada*. A banalização da morte é tanta que cria uma cultura de convivência da própria miséria.

- Tinha somente dez quadras,  
irmão das almas,  
todas nos ombros da serra,  
nenhuma várzea.

Tudo que ele tinha era uma pequena terra, mas como lhe é negado todo direito, inclusive o direito à vida, ele foi eliminado com a “ave bala”.

Severino prossegue sua viagem, mas tem medo de extraviar-se, pois o rio Capibaribe, que era o seu guia, secara no verão. Essa etapa da viagem calará o discurso de Severino. Porém, o som de uma cantoria anima o retirante, mas, ao chegar ao local, ele depara-se novamente com a morte e com as incelências<sup>5</sup>.

- Finado Severino,  
quando passares em Jordão  
e os demônios te atalharem  
perguntando o que é que levas...  
- Dize que levas cera,  
capuz e cordão  
mais a Virgem da Conceição.

Cansado de sua viagem e de só encontrar morte no seu caminho, Severino pensa em interromper sua caminhada e procurar trabalho; é quando acontece o confronto entre o protagonista e uma mulher, conhecida como rezadeira. É um dos momentos fundamentais no embate dos dois termos que definem a condição *Severina: morte e vida* (SECCHIN, 1999. p. 111). A morte aqui atinge o grau maior de concretude, à medida que o imperativo se dá como força contínua que anula a distinção *morte/vida*.

Severino trava um diálogo com a rezadeira para descobrir de que modo ela se sustenta naquela região tão inóspita. Ela, que é titular da região, assim responde:

---

<sup>5</sup> Incelência: ritual fúnebre que também é chamado, no interior do Nordeste, como encomendações da alma. São pequenos cânticos entoados ao redor do morto com o objetivo de ajudá-lo na travessia para a outra vida.

- Como aqui a morte é tanta,  
só é possível trabalhar  
nessas profissões que fazem  
da morte ofício ou bazar.

A mulher, por sua vez, enumera quais as profissões oferecidas no lugar, todas ligadas à morte. Logo ele percebe, através do diálogo, que ali não há oportunidade de trabalho; o trabalho que ele sabe fazer, ali não existe. A fala de Severino expõe todo o seu ofício: lavrar a terra, tratar de roças, tratar de gado, e outros; por fim, nada interessa à rezadeira; o econômico do lugar não admite tais profissões; todo trabalho da região está ligado à morte.

Farmacêuticos, coveiros,  
doutor de anel no dedo anular,  
remando contra a corrente  
da gente que baixa ao mar,  
retirantes às avessas,  
sobem do mar para cá.  
Só os roçados da morte  
compensam aqui cultivar,  
e cultivá-los é fácil:  
simples questão de plantar:  
não se precisa de limpa,  
de adubar nem de regar;  
as estiagens e as pragas  
fazem-nos mais prosperar;  
e dão lucro imediato;  
nem é preciso esperar  
pela colheita: recebe-se  
na hora mesma de semear.

Cultivar os roçados da morte é a única maneira de sobreviver na região, pois, como afirma Secchin (1999, p. 110), “a primeira parte do diálogo, em que a função interrogativa é usada pela rezadeira, elimina implacavelmente qualquer outra hipótese: trabalhos nos engenhos, trabalho agrícola ou pastoril”. Aqui, a

morte perde seu sentido de religação com a plenitude da vida e se esvazia de seu sentido último, pois o que importa é sobreviver e vencer a condição Severina.

O retirante chega à Zona da Mata<sup>6</sup>, onde pensa em interromper sua viagem, e se encanta com o verde, com a paisagem branda, macia o que lhe enche de esperança, e conclui:

[...] agora afinal cheguei  
nessa terra que diziam,  
como ela é uma terra doce  
para os pés e para a vista [...]  
Quem sabe se nesta terra  
não plantarei minha sina?  
Não tenho medo de terra  
(cavai pedra toda vida),  
e para quem lutou a braço  
contra a piçarra caatinga  
será fácil amansar,  
esta aqui tão feminina.

Severino deslumbra-se com a leveza da Zona da Mata. Ele acha a terra até muito feminina, exatamente uma alusão à leveza da vida mais forte do que a morte. Aqui está presente a dimensão da religiosidade, contendo a perspectiva de sementes de fecundidade e de infinito.

Nos versos abaixo, está descrita a divisão da terra, que todos desejariam que acontecesse em vida. Aqui é denunciado, com mais veemência, o que vinha sendo denunciado desde o início do texto: a desigualdade social, o extremo das injustiças sociais.

---

<sup>6</sup> Zona da Mata: microrregião do Estado de Pernambuco onde se cultivava a cana para a moenda dos engenhos. Na época, possuía um quadro econômico e socioambiental de grande pobreza e falta de oportunidades, tal qual a zona seca do sertão semiárido.

- Essa cova em que estás,  
com palmos medida,  
é a conta menor  
que tiraste em vida.
- É de bom tamanho,  
nem largo nem fundo,  
é a parte que te cabe  
deste latifúndio.
- Não é a cova grande,  
é cova medida,  
é a terra que querias  
ver dividida.
- É uma cova grande  
para teu pouco defunto,  
mas estarás mais ancho  
que estavas no mundo.
- É uma cova grande  
para teu defunto parco,  
porém mais que no mundo  
te sentirás largo.
- É uma cova grande  
para tua carne pouca,  
mas a terra dada  
não se abre a boca.

Todas essas imagens identificam que o morto tinha o desejo de cultivar a terra onde ele pensava trabalhar e ganhar o seu sustento, pois o desejo de conseguir um trabalho é que faz Severino prosseguir diante das limitações impostas na sua caminhada; ele apressa os passos para terminar sua ladainha, a reza do rosário e chegar à cidade do Recife, onde rezará a derradeira Ave Maria do rosário, como também a derradeira invocação da ladainha<sup>7</sup>.

---

<sup>7</sup>Ladainha e rosário são metáforas com enorme carga de significado religioso.

Na chegada ao Recife, Severino descobre que a morte o persegue em toda andança e imerge num espaço de saturação, concluindo que sua caminhada foi inútil, pois a maior discrepância entre os mortos da capital e do interior reside na diferenciação social que separa os homens da vida, contrariando a morte anônima do sertão por onde ele passou.

As avenidas do centro,  
onde se enterram os ricos,  
são como o porto do mar;  
não é muito ali o serviço:  
no máximo um transatlântico  
chega ali a cada dia,  
com muita pompa, protocolo,  
e ainda mais cenografia.  
Mas este setor de cá  
é como a estação dos trens:  
diversas vezes por dia  
chega o comboio de alguém.

Ao escutar esse diálogo dos coveiros, Severino constata mais uma vez que “a morte se faz ainda mais múltipla” (SECCHIN, 1999, p.112), sobretudo quando eles apresentam uma solução para aqueles que emigram do interior para a capital:

- Na verdade seria rápido  
e também muito mais barato  
que os sacudissem de qualquer ponto  
dentro do rio e da morte.

O discurso de Severino, que vinha sendo caracterizado como uma afirmação de vida, apesar de todas as dificuldades que o perseguiram, agora se esvazia de esperança.

E chegando, aprendo que,  
nessa viagem que eu fazia,  
sem saber desde o Sertão,  
meu próprio enterro seguia.

O tempo configura-se como uma imagem do passado para antecipar o futuro como forma de liberdade. Decepcionado, Severino procura abreviar a própria vida, não como negação, mas como forma de transcender *a vida Severina*. Essa morte é simbólica, ele quer mudar o percurso inexorável da *condição Severina*, como desejo de superação da miséria e como porto seguro para ancorar suas esperanças e suas inquietações.

No poema, está explícita e implícita uma profunda religiosidade “que não obedece a nenhum mundo religioso, que não abraça abertamente nenhuma fé” (TERRIN, 2003, p. 342), mas tem uma função: anunciar a dimensão transcendente e uma solidariedade irrestrita para “gestar um mundo novo no qual a luz tem mais direito do que as trevas e a vida vale mais que os bens materiais” (BOFF, 2008, p. 16); daí, decorre a noção de identidade como ideia de “*pertencimento*,” conforme anuncia (BAUMAN, 2005, p. 19). Destacamos também a esperança de Severino como força propulsora que anima seu caminhar.

Antes de sair de casa  
aprendi a ladainha  
das vilas que vou passar  
na minha longa descida.  
Sei que há muitas vilas grandes,  
cidades que elas são ditas  
sei que há simples arruados,  
sei que há vilas pequeninas,  
todas formando um rosário  
cujas contas fossem vilas,  
de que a estrada fosse a linha.

No poema, são fecundos os elementos que integram a paisagem nordestina. O rio é uma constante, é o começo, é o caminho, é a morte e a vida, é a esperança e a ponte que ajuda a descrever a trama dessa poética de crítica social da vida do Sertão, o rio denota o registro da religiosidade e ritos de um grupo social. Ele é o fio condutor da grande jornada de Severino e tantos outros, é amigo amistoso e confidente, em cujo trajeto Severino tem medo de perder-se, porque esse fio secara no verão e Severino confia:

Vejo agora: não é fácil  
seguir essa ladainha  
entre uma conta e outra conta,  
entre uma e outra ave-maria,  
há certas paragens brancas,  
de planta e bicho vazias,  
vazias até de donos,  
e onde o pé se descaminha.

O rio é um personagem tão importante no poema, que parece distinguir e refletir as terras por onde passa, em certos momentos, perde-se, mas é o sinal que possibilita o poeta captar a vida diante da imagem da morte no seu processo social.

Na chegada ao Recife, Severino se envolve num processo interno de reinvenção de si mesmo; para ressignificar a própria existência, ele que buscava a vida, e só encontrou a morte, conclui que estava seguindo seu próprio enterro. Sua chegada à cidade do Recife inaugura uma nova etapa em sua trajetória de vida, uma vez que ele toma consciência de sua condição de miserável; e o seu discurso, que até então se caracterizava por uma afirmação de vida, agora se torna a negação da própria vida, como afirma Tenório (1996, p. 125), “a angústia cresce na medida em que o poeta percebe que a miséria vai infeccionando toda a paisagem, não só Recife como as vilas, as pequenas cidades, a paisagem toda”.

Essa tensão vivida por Severino lhe permite identificar-se como miserável, essa é a sua identidade. Parece perguntar-se: que destino tem um miserável, para os que vivem como ele? Então ele deseja abreviar a própria vida.

O tempo configura-se como uma imagem do passado para antecipar o futuro como forma de libertação. Nessa configuração, Severino conclui que apenas seguia seu próprio enterro e o descreve inspirado na grandeza do rio que agora é perene.

A solução é apressar  
a morte a que se decida  
e pedir a este rio,  
que vem também lá de cima,  
que me faça aquele enterro  
que o coveiro descrevia:

Nesse momento de renúncia da *vida Severina*, aparece o Mestre Carpina, que dialoga com Severino e o envolve num círculo de pertencimento para que ele possa fazer uma opção pela vida, uma vez que ele está imerso num profundo vazio, conforme Bauman (2005, p.46), por sua “desterritorialização”<sup>8</sup>, sua falta de possibilidades de escolhas. Nessa ocasião, aproxima-se Seu José *Mestre Carpina*, que, através do diálogo com Severino, anuncia possibilidades de inúmeras reconstruções provisórias e imprevisíveis de novas visões de mundo, pois, como diz Barcellos (2001, p. 65), “o texto literário está sempre aberto a novas leituras”. O diálogo continua apesar da desesperança, na tentativa de negociação para resistir a uma cultura que pretende tirar e violar os direitos de todos.

---

<sup>8</sup> *Desterritorialização* – conforme Bauman (2005, p. 46), é a negação dos direitos da presença física das pessoas dentro de um território. As migrações provocam esse fenômeno social.

Seu José, mestre carpina,  
que lhe pergunte permita:  
há muito no lamaçal  
apodrece a sua vida?  
e a vida que tem vivido  
foi sempre comprada à vista?  
Severino, retirante,  
Sou de Nazaré da Mata,  
Mas tanto lá como aqui  
Jamais me fiaram nada:  
A vida de cada dia  
Cada dia hei de comprá-la.

Esse diálogo propicia a passagem do grande acontecimento da paisagem nordestina, aqui a arte pode ser a ponte para compreender o todo sensível da vida humana, as rimas ajudam a compreender o humano e suas relações sociais, expressando suas ideologias e suas utopias. Mestre Carpina deixa claro que a vida vale a pena ser vivida. A esse respeito, Boff (2008, p. 82) afirma que:

O ser humano constrói sua existência no tempo. Precisa de tempo para crescer, aprender, madurar, ganhar sabedoria e até para morrer. No tempo vive a tensão entre a utopia que o anima a sempre olhar para cima e para frente e a história real que o obriga a buscar mediações, dar passos concretos e olhar com atenção para o caminho e sua direção, suas bifurcações e empecilhos, suas ciladas e chances (BOFF, 2008 p. 82).

Com o convite à vida, Mestre Carpina apresenta vários ângulos de informações proporcionados pela sua paisagem de Nazaré da Mata<sup>9</sup>, para que Severino conclua qual deve ser a melhor saída e assuma as necessidades de romper com suas incertezas para cultivar as certezas de irrigar a vida.

---

<sup>9</sup> Nazaré da Mata, município da Zona da Mata de Pernambuco, onde fica a cidade de seu José, Mestre Carpina.

O diálogo com Mestre Carpina contribui para que Severino se distancie da morte, como ideia de finitude e faça uma opção pela vida, tal como fizera o anjo com São José quando disse: “Levante-se, pegue o menino e a mãe dele, e fuja para o Egito. Fique lá até que eu avise, porque Herodes vai procurar o menino para matá-lo” (Mt. 2,13). No poema, o anjo torna-se mulher que anuncia o nascimento da criança, usando o verbo “*saltar para dentro da vida*”, contrariando a proposta de Severino saltar para “*fora da vida*”, revelando que a existência humana não se reduz a dados exteriores, mas em dados que são reelaborados continuamente em suas práticas e em seu significado. Os versos a seguir são um convite à vida:

Compadre José, compadre,  
que na relva estais deitado:  
conversais e não sabeis  
que vosso filho é chegado?  
Estais aí conversando  
em vossa prosa entretida:  
não sabeis que vosso filho  
saltou para dentro da vida?  
Saltou para dentro da vida;  
ao dar o primeiro grito;  
e estais aí conversando  
pois sabeis que ele é nascido.

Se, com o nascimento do filho de Mestre Carpina, a vida se renova, apesar de Severina, os versos abaixo apresentam o louvor que as pessoas que vivem à beira do mangue saúdam o nascimento do menino em profunda comunhão com a natureza, que também participa da celebração de louvor.

Todo o céu e a terra  
lhe cantam louvor.  
Foi por ele que a maré  
esta noite não baixou.

Foi por ele que a maré  
Fez parar o motor:  
a lama ficou coberta  
e o mau-cheiro não voou.  
E a alfazema do sargaço,  
ácida, desinfetante,  
veio varrer nossas ruas  
enviada do mar distante.  
E a língua seca de esponja  
que tem o vento terral  
veio enxugar a umidade  
do encharcado lamaçal.

João Cabral, com esse poema, estabelece mediações para que o ser humano compreenda sua realidade e possa apropriar-se de relações sociais para expressar suas ideologias e anunciar suas utopias. Essa religiosidade não se vincula diretamente a uma profissão de fé, mas faz parte do catolicismo popular com sua origem laica, seu sentido devocional e seu caráter penitencial, esse tipo de religiosidade permite uma reflexão sobre o princípio dinâmico do substrato religioso da diversidade cultural de um povo.

Atenção peço, senhores,  
para esta breve leitura:  
somos ciganas do Egito,  
lemos a sorte futura.  
Vou dizer todas as coisas  
que desde já posso ver  
na vida desse menino  
acabado de nascer:  
aprenderá a engatinhar  
por aí, com aratus,  
aprenderá a caminhar  
na lama, como goiamuns,  
e a correr o ensinarão

os anfíbios caranguejos,  
pelo que será anfíbio  
como a gente daqui mesmo.

Os vaticínios das ciganas do Egito fazem parte da diversidade religiosa e não indicam a ultrapassagem da condição Severina para uma vida mais digna. A primeira cigana prevê o menino dentro do ciclo da miséria, e a segunda associa o futuro do menino a uma realidade, que diverge não em natureza da primeira, mas em grau, pois tanto operário como pescador de manguezais fazem parte do ciclo de pobreza, que gera a exploração e injustiça.

A grande resposta ao pessimismo das previsões das ciganas é dada pela comunidade que se reúne para celebrar a formosura do menino, como símbolo de resistência coletiva ao império da miséria e da morte, como diz Boff (2008, p.78),

Ao romper esse empecilho, o olho capta o que sempre esteve presente: o gracioso advento da divindade e a possibilidade do extasiar humano. Essa percepção está na raiz sã de toda religiosidade. É o que explica a volta vigorosa do religioso e do místico em todas as culturas mundiais: uma nova capacidade de encantamento admiração e magia.

O encantamento da comunidade resgata a grandeza e a beleza da vida, que mesmo sendo Severina, brota como resposta continuamente renovada com a realidade imanente, que é também transcendente, porque rompe os interditos das experiências imediatas e supõe entender a existência enquanto vir-a-ser, pois a transcendência é um elemento que dá significado às ações humanas.

Seu José, *Mestre Carpina*, extasiado pela solidariedade instaurada, aposta na potência criadora da explosão da vida, assinalando a esperança como resposta a todos os questionamentos da vida Severina.

Severino, retirante,  
deixe agora que lhe diga:  
eu não sei bem a resposta  
da pergunta que fazia,  
se não vale mais saltar  
fora da ponte e da vida  
nem conheço essa resposta,  
se quer mesmo que lhe diga  
é difícil defender,  
só com palavras, a vida,  
ainda mais quando ela é  
esta que vê, severina  
mas se responder não pude  
à pergunta que fazia,  
ela, a vida, a respondeu  
com sua presença viva.

Com esses versos, encontra-se a grande resposta que Severino procurou em toda sua caminhada pelo sertão: sentir-se sujeito de suas ações e de sua vida, como ser humano que aprende a medida que convive, relaciona-se e dialoga continuamente com os outros. Por fim, descobre-se que “Severino é plural, é um povo” (TENÓRIO, 1996, p. 113), de uma história vergonhosa produzida pela falta de políticas sociais em favor dos pobres do Nordeste.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As Ciências da Religião, por seu caráter não confessional, é a ciência humana, cuja postura mais adequada é estudar o campo religioso que se apresenta na sociedade como imperativo do mundo moderno. Ela explica o fato religioso contido no texto literário, não como opção de fé ligada a uma confissão religiosa, mas como uma necessidade de responder aos questionamentos existenciais da vida humana, promovendo descobertas que podem favorecer o estudo do fenômeno religioso a partir da arte.

A Literatura constitui-se um importante patrimônio de experiências sociais, religiosas e culturais, que oferece excelentes contribuições para serem trabalhadas no Ensino Religioso, tais como: a religiosidade, a identidade, a solidariedade, a esperança, a valorização da vida; valores tão importantes no diálogo com os outros saberes do cotidiano da escola e outras áreas de conhecimento, auxiliando o estudo dos Eixos Temáticos do Ensino Religioso com as demais áreas de conhecimento.

Concluimos, portanto, que a literária é despertadora da curiosidade, de imaginação e de transcendência, pois a arte é a manifestação humana plena de transcendência. “A literatura é uma das artes mais complexas, seu instrumento, a palavra, gera possibilidades infinitas de expressão [...]”. (OLIVEIRA, S/D, p. 9). Ela é parte fundamental da cultura e se constitui do resultado do convívio humano, da interação do homem e de seus universos físico e espiritual. Tais aspectos estão contidos no poema *Morte e Vida Severina* e podem ajudar no fazer pedagógico da escola.

## REFERÊNCIAS

BARCELLOS, José Carlos. **Literatura e Espiritualidade**. São Paulo: Editora da Universidade do Sagrado Coração, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. São Paulo: Zahar, 2005.

BOFF, Leonardo. **Ecologia, mundialização, espiritualidade**. São Paulo: Record, 2008.

MAGALHÃES, Antônio. **Deus no espelho das palavras: Teologia e Literatura em diálogo**. São Paulo: Paulinas, 2000.

OLIVEIRA, Clenir Bellezi. **Arte Literária Portugal - Brasil**. Rio de Janeiro: Moderna, 1999.

SECCHIN, Antonio Carlos. **João Cabral: A Poesia do Menos e outros ensaios cabralinos**. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999.

TEIXEIRA, Faustino. **A(s) Ciência(s) da Religião no Brasil**: afirmação de uma área acadêmica. São Paulo: Paulinas, 2001.

TENÓRIO, Waldecy. **A bailadora andaluza**: a explosão do sagrado na poesia de João Cabral. São Caetano do Sul: Ateliê, 1996.

TERRIN, Aldo Natale. **Introdução ao estudo comparado das religiões**. São Paulo: Paulinas, 2003.